

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL TUANY TOLEDO
MEMÓRIAS DE POUSO ALEGRE (MG)
TUANY TOLEDO TOWN HALL HISTORICAL MUSEUM
MEMORIES OF POUSO ALEGRE (MG)

ANA EUGÊNIA NUNES ANDRADE | Professora do Departamento de História da Universidade do Vale do Sapucaí. Doutoranda em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LUANA TAIS SANTOS | Graduada em História pela Universidade do Vale do Sapucaí.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender os significados culturais e sociais que permeiam as instituições museológicas no Brasil, a partir das novas temáticas da área. Analisamos o Museu Histórico Municipal Tuany Toledo (MHMTT), enquanto espaço público que busca preservar e transformar as muitas memórias de uma cidade. Também destacamos as relações e conflitos sociais evidenciados pelos objetos, fotos e documentos que reconstróem as dinâmicas cidadinas dos moradores de Pouso Alegre, localizada no sul de Minas Gerais.

Palavras-chave: museu; memória; cidade.

ABSTRACT

This study aims to understand the social and cultural meanings from the new themes that permeate the museums institutions in Brazil. We analyze the Museu Histórico Municipal Tuany Toledo (MHMTT) as a public space that seeks to preserve and transform the many memories of a city. This work highlights the relationships and social conflicts evidenced by the objects, photos and documents which are able to reconstruct the dynamics of city dwellers of Pouso Alegre, seated in the southern part of the state of Minas Gerais.

Keywords: museum; memory; city.

RESUMEN

Este trabajo intenta comprender los significados culturales y sociales que impregnan las instituciones museológicas en Brasil. Analizamos el Museu Histórico Municipal Tuany Toledo (MHMTT) como un espacio público que busca preservar y transformar las muchas memorias de una ciudad. También destacamos las relaciones y conflictos sociales por intermedio de los objetos, fotografías y documentos, capaces de reconstruir las dinámicas de los ciudadanos de Pouso Alegre, ubicada en el sur de Minas Gerais.

Palabras clave: museo; memoria; ciudad.

São muitas as mudanças e os questionamentos que cercam as instituições museológicas na atualidade. Uma das principais é que tais espaços passaram a ser vistos como locais de sociabilidade e não apenas como depositários de objetos e testemunhos de tempos remotos. Nesse sentido, vamos analisar a compreensão da função social que o Museu Histórico Municipal Tuany Toledo (MHMTT) vem assumindo perante a sociedade local, a partir de sua transição do antigo prédio (rua Adalberto Ferraz) para o novo, situado na área central da cidade de Pouso Alegre (avenida São Francisco), no sul de Minas Gerais.

Ainda existem barreiras que separam a 'tradicional' museologia da 'nova': "mais virada para o homem que para o objeto" (Ribeiro, 1993, p. 19). Mantido pelo Poder Legislativo, o museu possui um acervo composto de objetos de personalidades da cidade, membros da diocese, militares e políticos da região. Neste artigo, discutiremos os núcleos temáticos Imprensa, Diocese, Exército, 20º Batalhão da Polícia Militar e Cotidiano, que insere a vivência da população pouso-alegrense no acervo público. Além disso, abordaremos os projetos pedagógicos e publicações que o espaço vem desenvolvendo ao longo dos anos.

A função do museu passa a ser entendida para além da recolha e conservação de objetos, pois a instituição passa a ser vista como agente de desenvolvimento comunitário, exercendo um papel decisivo na educação da comunidade. Assume uma função social (Primo, 1999, p. 11).

[...] os museus tiveram que aprender a se converter em locais de interpretação, estudo, pesquisa e difusão cultural. Posteriormente, os museus passaram a assumir um relevante papel na educação e, ainda, a se perceberem como um importante veículo de comunicação de massas (Gonçalves, 2006, p. 24).

Dois dias após a comemoração do aniversário da cidade de Pouso Alegre, em 21 de outubro de 2009, foram inauguradas as novas dependências do museu. Desde então, ele passou a funcionar no prédio da Câmara Municipal. Mesmo abrigado em um espaço maior e mais confortável para visitantes e pesquisadores, algumas inadequações fazem parte da realidade do museu: as janelas do prédio possuem vitrais, o que ocasiona intensa luminosidade no local, a incidência de sol e umidade agravam a situação, e a falta de climatização do edifício é igualmente danosa ao acervo composto de documentos, jornais e fotografias. Para resolver o problema da claridade, a assessora de imprensa do museu na época de sua inauguração, Suely Ferrer, teve a iniciativa de consultar o Arquivo Público Mineiro para buscar uma orientação adequada para solucionar a questão da claridade. Contando com a anuência do diretor do museu, Alexandre de Araújo, a assessora providenciou a instalação de cortinas para melhorar a preservação do acervo.

A despeito dos problemas, o novo espaço trouxe vantagens em relação às acomodações anteriores do museu: acessibilidade para todas as pessoas; banheiros adaptados a deficientes físicos; salas amplas para os funcionários; sala para guarda de atas e documentos. As novas dependências representam uma conquista para a população pouso-alegrense, mesmo que as formas de armazenamento dos documentos, atas e jornais ainda não sejam as ideais para a preservação do acervo. "Documentos mal acomodados [...] sofrem rápida

deterioração e podem se perder em definitivo. [...] expostos a condições ambientais desfavoráveis, dificilmente sobrevivem” (Pinsky, 2005, p. 50).

Com as atuais mudanças de perspectiva dos museus, o patrimônio, em especial o museológico, ganha força, a despeito de navegarem em um campo cercado de disputas sociais, políticas e interesse público. No ano de 2003, o governo federal, junto com o Ministério da Cultura, lançou a Política Nacional de Museus, que contém inúmeras leis para as entidades museológicas: “5. Modernização de infraestruturas museológicas: 5.1. Apoia a realização de obras de manutenção, adaptação, saneamento, climatização, segurança, arranjos exteriores de lazer e de acessibilidade aos imóveis que abrigam acervos museológicos”.¹

Diante dessa realidade, os funcionários do MHMTT² se esforçam em modificar os limites que durante anos sustentaram o museu, fundado em 1965 e que desde então é supervisionado por Alexandre Araújo. O diretor se preocupa com a história da cidade e com a preservação de sua memória; ele e sua equipe passaram por uma atualização para absorver a ideia de um museu em movimento e que compreenda as muitas memórias, objetos e documentos como fontes riquíssimas para os pesquisadores. Nas dependências anteriores do museu, ele era pouco procurado para essa finalidade, pois a deficiência de espaço e de organização dificultava a prática de pesquisas acadêmicas.

Dessa forma, foi necessária uma nova abordagem e uma maneira diferente de ver e sentir o MHMTT. A sobrevivência das instituições museológicas e de patrimônio exige que sua missão, identidade, objetivos e projetos sejam repensados, de modo a ir ao encontro das necessidades do conjunto de uma população cada vez mais heterogênea, o que contribui para transformar o museu em um local aberto a diferentes histórias.

Uma multiplicidade de possibilidades para a sua adaptação, transformação e reimaginação. Um desafio que obriga profissionais e acadêmicos a questionar as práticas existentes, a repensar as interpretações das coleções, a rever a organização e funcionamento das instituições, e em última análise, a refletir sobre a missão das instituições culturais num processo nem sempre pacífico, que gera tensões entre as referências tradicionais e as mudanças (Anico, 2005, p. 84).

A partir desse paradigma, surge um novo horizonte que pode ser percebido pelo aumento do público visitante, formado por pessoas que comparecem ao museu com o intuito de conhecê-lo em suas múltiplas formas, e não como antes, quando era composto basicamente de curiosos que visitavam o Legislativo e aproveitavam a ocasião para percorrer o museu. Pensando nisso, os funcionários da instituição passaram a elaborar projetos pedagógicos que buscam inserir estudantes, acadêmicos e o público em geral na história de Pouso Alegre.

1 Ministério da Cultura. Política Nacional de Museus. *Memória e cidadania*, 2003.

2 A equipe técnica do MHMTT é constituída pelo supervisor e fundador, Alexandre Araújo, pela assessora de comunicação, Cristiane Reis, e pelo agente cultural, Mayke Ricelli.

O MHMTT ou qualquer outro museu dito tradicional pode, a qualquer momento, rever seu programa, reformular seus espaços, repensar suas coleções. Assim, o museu se aproxima da sociedade, que se vê nele representada.

O COTIDIANO ENTRA EM CENA

A inserção de novos núcleos temáticos, a maior visibilidade do museu, a introdução de inúmeros objetos do cotidiano e fotografias que mostram a população da cidade trouxeram novos ares e olhares sobre a memória armazenada no MHMTT.

O acervo do museu está sempre recebendo novas doações. São peças do cotidiano que contam e recontam as histórias da sociedade local. Esses objetos estão distribuídos em núcleos temáticos. O universo material deste espaço reúne objetos pessoais, domésticos, fardamentos e aparatos religiosos (Ferrer; Ricelli; Valle, 2012, p. 8).

A instituição ampliou seu acervo de forma a não reproduzir somente os fatos históricos marcados pela memória hegemônica da elite pouso-alegrense. Foram introduzidas peças do cotidiano da cidade, como o carro de boi, as painéis de ferro, as fotografias de crianças nadando nas enchentes do rio Mandu. O acervo de objetos foi totalmente diversificado e, atualmente, conta com mais de quatro mil peças, desde “objetos decorativos, fragmentos construtivos originários de prédios públicos e privados demolidos, mobiliário, vestuário, utensílios domésticos e de uso pessoal, objetos de iluminação e de transporte” (Ribeiro, 1993, p. 19). Todas essas ações fazem aumentar a identificação dos visitantes com a história local.

COTIDIANO: formado por peças que recontam histórias de várias épocas e de inúmeros espaços sociais. Do interior das casas podemos ver o ferro de passar roupa, o pilão, o lavatório, as TVs em preto e branco, as máquinas de escrever e registradoras, vitrolinhas. As ruas e praças, o poste de iluminação, as lâmpadas, placas de identificação de carro de boi e de mendigos, lampiões, painéis de ferro, máquinas fotográficas, objetos de montaria, seringas de injeção e outros tantos objetos mostram que o passado está preservado e que pode recontar às gerações futuras, independente da área de estudo, como era o universo do cotidiano dos pouso-alegrenses (Ferrer; Ricelli; Valle, 2012, p. 8).

O MHMTT conta, em seu acervo, com uma das cadeiras do diretor de cinema Chiquinho Almeida, nome pelo qual Francisco de Almeida Fleming era conhecido em Pouso Alegre. Fleming foi um dos pioneiros do cinema brasileiro. Ele veio de Ouro Fino, Minas Gerais, com apenas 18 anos, para gerenciar o cine Íris, localizado na praça Senador José Bento, em Pouso Alegre. Em 1921, produziu seu primeiro longa-metragem – *In hoc signo vinces* –, filme que faz de sua produtora a mais antiga do cinema brasileiro. O cineasta tornou-se conhecido nacionalmente pelo filme *Paulo e Virgínia*, de 1924; este e outros de seus filmes tiveram como cenário a várzea dos rios Mandu e Sapucaí-Mirim. Fleming produziu mais de trezentos docu-

mentários e reportagens e, em 1977, recebeu uma homenagem do Ministério da Educação e Cultura, como um dos pioneiros do cinema nacional.

Outro objeto em destaque no museu é a palmatória – peça de madeira muito utilizada no século passado, principalmente entre os anos de 1910 e 1930, que servia para castigar os alunos, que tinham que oferecer a palma da mão ao professor para receber a pena. A palmatória era utilizada especialmente para punir a indisciplina e os estudantes que não apresentavam suas lições de casa. O objeto em exposição no MHMTT pertenceu ao professor Ignácio Loyola Pires e foi doado ao museu por seu neto. A função do museu é plenamente entendida quando se observa que basta um simples olhar para as peças expostas trazerem à tona lembranças adormecidas para quem sofreu a rigidez dos antigos sistemas educacionais.

O acervo fotográfico do MHMTT reúne “fotos originais, cópias, negativos flexíveis e de vidro, organizadas em coleções. Estas imagens, obtidas a partir de 1880, ilustram o desenvolvimento urbano, eventos, costumes e tradições” (Ferrer; Ricelli; Valle, 2012, p. 8). A coleção de fotos das enchentes do rio Mandu mostra o hábito da população pouso-alegrense de ver as águas subirem nos períodos de chuva. O rio nasce no bairro Francisco Sá, na cidade de Ouro Fino, passando por Borda da Mata e Pouso Alegre. No passado, o rio possuía uma grande variedade de peixes e era uma área de lazer para crianças, jovens e adultos. “Toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época” (Kossoy, 2001, p. 36).

Homens e mulheres costumavam levar seus filhos ao rio, e não somente a parcela mais simples da população da cidade. A elite local também participava dessa prática. Pelas fotografias, os visitantes do museu podem perceber como, independentemente da classe social, ele contribuía para criar um lugar de sociabilidade para os moradores de Pouso Alegre. As enchentes são comuns no Mandu e as piores foram registradas em 1929, 1940 e 2000, tendo causado enormes prejuízos à população carente da região. No acervo fotográfico do MHMTT estão registradas as alterações no curso do rio, o aterro de seu leito e suas enchentes.

Outra peça importante que compõe o núcleo do Cotidiano é o carro de boi, o objeto que mais chama a atenção dos visitantes, em especial das crianças – a maioria delas jamais viu um veículo como esse. A viatura remonta ao imaginário de muitas pessoas que viveram na cidade em tempos mais remotos, pois na Pouso Alegre do início do século XX, até meados de 1960, o carro de boi foi bastante utilizado como transporte. Geralmente, “vinham carregados de lenha, uma vez que à época não havia fogões a gás e a luz elétrica ainda era escassa” (Ferrer; Ricelli; Valle, 2012, p. 40). Os carreiros também colaboravam com o transporte dos produtos agrícolas comercializados no mercado municipal e nos armazéns da cidade. A partir de 1980, com a modernização da agricultura e a utilização de tratores e caminhões, o carro de boi caiu em desuso e perdeu sua função econômica. Hoje, ele é guardado na lembrança de seus antigos condutores.

Nesse trilhar do cotidiano, o velho se torna novo aos olhos das crianças que vão ao MHMTT. Os brinquedos de outrora expostos no local retornam ao gosto de muitos jovens nos dias atuais. Muitas vezes, o antigo volta à moda e chama a atenção dos que não o conhecem. Quem nunca brincou de rodar o pião ou de tentar encaixar o bilboquê? Esses pas-

satempos estão de volta às experiências das crianças, e, quando elas descobrem que os objetos eram usados nas brincadeiras de antigamente, ficam ainda mais animadas. Crianças e jovens, por meio das peças expostas no museu, veem-se inseridos no ambiente museológico e passam a se sentir parte do espaço, pois as vivências de seus pais e avós, e agora também as suas, estão registradas no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

ONDE ECOA A MEMÓRIA OFICIAL

A divisão do espaço interno do MHMTT acentua sua principal característica: o tradicionalismo. Logo na entrada nos deparamos com uma galeria fotográfica de ilustres pouso-alegrenses: escritores, advogados, políticos, militares e personalidades de famílias tradicionais que de alguma maneira fizeram parte da história oficial do município. A maioria deles foi embora durante a juventude e nunca mais voltou à cidade natal. Contudo, esses resquícios tradicionalistas acabam por mostrar Pouso Alegre como berço de pessoas que, de uma forma ou de outra, destacaram-se na política, no Exército ou na literatura, e que não podem perder-se na lógica da organização do acervo, embora estes indivíduos, que um dia fizeram parte da história local, nada representem para os atuais visitantes.

O salão do lado direito do museu abriga o núcleo da Diocese, juntamente com o do Exército e o da Polícia Militar. A sala contém vitrines com documentos e objetos de Tuany Toledo (prefeito da cidade durante o Estado Novo, e que dá nome ao museu); seu filho Evaristo Toledo (conhecido advogado da região); senador José Bento Leite Ferreira de Mello, entre outros. Ali, encontram-se também almanaques contando as histórias de Pouso Alegre e do MHMTT, além de uma vitrine sobre a imprensa local. Nela, está em evidência o mais antigo exemplar do *Pregoeiro Constitucional* – nele foi publicada a Constituição de 25 de março de 1824 e o projeto de Constituição de Pouso Alegre. O periódico dedicava-se a mostrar o progresso da cidade.

Em uma sala específica estão os demais jornais, almanaques e revistas, todos encadernados. Eles pertencem ao núcleo dedicado à imprensa, onde se encontram jornais de cunho religioso, político e social, revistas, livros e periódicos atuais. Isso facilita a realização de pesquisas acadêmicas, pois os consulentes encontram as fontes reunidas e catalogadas como impressos. Contudo, esses papéis são frágeis e não durarão para sempre, o que reforça a necessidade de conservá-los para que em um futuro não tão distante possam estar acessíveis.

O uso de luvas, máscaras e aventais, exigidos em alguns poucos arquivos, deveriam ser naturalmente obrigatórios, como prevenção da saúde do consulente e como forma de favorecer a preservação do papel. [...] o uso de luvas e máscaras em ambiente de clima tropical é, evidentemente, desconfortável, já que a maior parte das salas de consulta não é devidamente climatizada (Pinsky, 2005, p. 54).

Aqui fica clara a necessidade de observar a diretriz n. 2.3 da Política Nacional de Museus: “criação de mecanismos que favoreçam a documentação, organização, conservação, restauração, informatização e disponibilização dos acervos museológicos”. Essas medidas devem ser to-

madras rapidamente, pois, sem um controle rígido, estes jornais e documentos não sobreviverão ao tempo, devido ao manuseio incorreto e sem a climatização necessária para sua conservação.

No fundo do museu, à esquerda, encontra-se o núcleo do Cotidiano, mas, apesar de este espaço receber objetos do dia a dia, sua localização não favorece a visita. Claramente, a posição dos núcleos temáticos reflete o cunho tradicional da instituição, e temas como a diocese contam com destaque maior no circuito de visitação, o que reforça seu tom conservador. A criação da diocese da cidade de Pouso Alegre foi iniciativa de monsenhor José Paulino de Andrade, vigário da paróquia que dá nome à escola estadual e tem sede na antiga residência do padre e senador José Bento. Neste núcleo, nada se mostra sobre o cotidiano dos padres, pois são retratados unicamente bispos e arcebispos. O poder e o luxo da diocese podem ser observados nos quadros com as fotografias dos bispos e nos finos objetos, roupas, livros e tronos usados pelo clero pouso-alegrense da alta hierarquia da Igreja.

Recentemente, o MHMTT recebeu uma importante doação vinda do carmelito da cidade, que se somou ao núcleo temático Diocese: o hábito que pertenceu à irmã Maria Imaculada da Santíssima Trindade. Batizada como Maria Giselda Villela, a freira nasceu em 8 de julho de 1909, em Maria da Fé, Minas Gerais. Ainda jovem, no início da década de 1930, ingressou no carmelito de Campinas e, após 13 anos de vida dedicada à igreja, foi enviada à cidade de Pouso Alegre para fundar um novo carmelito. Durante seus 42 anos de atividade na região, a religiosa, que faleceu em 20 de janeiro de 1988, ficou conhecida como “Mãezinha”. Um processo para sua canonização foi aberto em 2006.

O núcleo temático do Exército é composto de fotos, objetos e indumentária. Foi um dos primeiros espaços criados no museu, datando da época em que ainda era uma simples galeria (Ferrer; Ricelli; Valle, 2012, p. 12). Um dos destaques do núcleo é o canhão Krupp-75, utilizado na Revolução Constitucionalista de 1932 – movimento armado ocorrido entre julho e outubro daquele ano, e motivado pela insatisfação dos paulistas com o governo revolucionário estabelecido após a derrota nas eleições de 1930. A revolta tinha como objetivo derrubar o governo provisório de Getúlio Vargas e promulgar uma nova Constituição para o Brasil. Nos dias 18 e 19 de julho de 1932, era grande a concentração de soldados em Pouso Alegre. Os revolucionários paulistas haviam chegado até Borda da Mata, o que levou os militares legalistas a colocarem canhões e metralhadoras em posição estratégica e a cavarem trincheiras nos bairros Vendinha (hoje, São João), Cruzes (nas proximidades da atual prefeitura) e Aterrado (São Geraldo). Para o MHMTT é importantíssimo que a população saiba que Pouso Alegre já foi palco de uma revolução.

Assim, compreendemos a importância dos núcleos temáticos para a constituição da identidade do museu e observamos como a composição de seu acervo demonstra claramente os resquícios de um olhar positivista e de uma análise cronológica do passado, na qual se percebe linearmente a história da diocese e a importância e poder do Exército. Outros documentos expostos mostram como o exército pouso-alegrense contribuiu de maneira eficaz e notória para a educação cívica da localidade. Apesar disso, aparecem em destaque unicamente os objetos ligados aos oficiais, e o Exército não é constituído somente deles. No MHMTT, onde estão os soldados, cabos e sargentos?

O núcleo temático do 20º Batalhão da Polícia Militar de Pouso Alegre também tem grande destaque no museu.

O núcleo temático da Polícia Militar é composto de fotos, documentos, objetos e indumentária. Em 07/12/1982 através do decreto número 22.524 foi criado o 20º Batalhão de Polícia Militar. [...] O 20º BPM, subordinado a 17ª Região de Polícia Militar, é responsável pelas ações e operações de segurança pública em 27 municípios e distritos (Ferrer; Ricelli; Valle, 2012, p. 13).

A leitura crítica do MHMTT nos possibilita observar que o espaço museológico não deve ser entendido como um local usado apenas para expor objetos, mas como uma oportunidade de reflexão para reformular questionamentos e trazer à tona algumas inquietações. Como, por exemplo, por que no espaço destinado à Polícia Militar os fardamentos expostos não trazem as roupas dos policiais comuns? Uma vez mais a história retratada é a dos comandantes da polícia. Por que o cotidiano dos policiais não é revelado?

NOVOS OLHARES MUSEOLÓGICOS

Com a mudança de perspectiva do museu, os funcionários desenvolveram alguns projetos para atender à população, como o Passeio pela História.

A ideia é trazer crianças, adolescentes e jovens para o espaço do museu, a fim de lhes proporcionar um contato com a história da cidade onde vivem. O Museu e a Câmara Municipal estabeleceram uma parceria com a empresa de transporte de ônibus Princesa do Sul. A escola agenda a visita ao museu e a transportadora leva as crianças da escola até a instituição. Em um primeiro momento, os alunos são conduzidos ao chamado Plenarinho Museu, já dentro da Câmara Municipal. Ali, assistem a um vídeo institucional que apresenta o que é o museu e como começou; a história do senhor Alexandre³ e a importância da preservação da memória para a vida da população.⁴

Após a exibição do vídeo, tem início a visita ao museu, monitorada pelo agente cultural Mayke Ricelli, que apresenta aos estudantes os núcleos temáticos, contando um pouco da história que é também a de cada um deles.

O museu pode trazer muitos benefícios à educação. Esta importância não deixa de crescer. Trata-se de dar à função educativa toda a importância que merece, sem diminuir o

3 Alexandre Araújo, supervisor e criador do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

4 Depoimento do estagiário Fernando Henrique do Vale realizado em 10 de janeiro de 2013, conforme autorização de uso em carta de cessão à pesquisadora Luana Tais Santos, em 10 de fevereiro de 2013.

nível da instituição, nem colocar em perigo o cumprimento das outras finalidades não menos essenciais: conservação física, investigação etc. (Primo, 1999, p. 9).

Esta iniciativa vai ao encontro da diretriz n. 2.8 da Política Nacional de Museus, que propõe a “criação de medidas de cooperação técnica e de socialização de experiências [incluindo] visitas orientadas, elaboração de materiais didáticos e serviços educativos”.

A iniciativa das visitas escolares é excelente e reforça a intenção de modernização do museu. No entanto, percebemos que apenas um funcionário é responsável por elas, o que dificulta o atendimento às expectativas dos estudantes, deixando muitas de suas perguntas sem resposta. Isso acaba tornando a visita ao museu, de cerca de trinta minutos, pouco produtiva. As crianças menores se dispersam facilmente devido à enorme curiosidade despertada pelos objetos expostos, curiosidade que acaba por ser pouco aproveitada, comprometendo a visita. Contudo, nada disso impede que os alunos comecem desde cedo a se relacionar com o espaço e a entender que isso é história, e que os fatos do passado se ligam ao presente.

Aos poucos, as iniciativas do MHMTT aproximam o espaço das diretrizes estabelecidas pela Política Nacional de Museus em 2003: “2.4. Criação de programas que visem a uma maior inserção do patrimônio cultural musealizado na vida social [...] por meio de exposições, concursos, espetáculos, oficinas e outras ações de caráter educativo-cultural”.⁵

O Museu Tuany Toledo participa da Semana Nacional de Museus, que a cada ano traz uma nova temática. O projeto se realiza no mês de maio e durante esse período são promovidas atividades voltadas para inclusão das crianças, que vivenciam experiências conhecendo objetos nunca vistos que se transformam em novidade. Há instituições museológicas de diversos tipos, “o importante num museu é que estejam vivos, que pulsem, que não tenham medo do novo, do público, do diálogo, da atualização. Que não tenham medo de ser de todo mundo” (Ministério da Cultura, 2007, p. 9-11).

A XI Semana Nacional de Museus, em 2013, teve como tema Museus (Memória + Criatividade) = Mudança Social. Notamos algumas alterações em relação à versão anterior (Museus em um Mundo em Transformação – Novos Desafios, Novas Inspirações) em razão da parceria da instituição com a Universidade do Vale do Sapucaí (Univás). Profissionais do curso de história da Univás participaram da Semana apresentando, por meio de *banners*, pesquisas científicas realizadas sobre o sul de Minas, a maioria a respeito da cidade de Pouso Alegre. Dessa forma, as pesquisas acadêmicas ultrapassaram os muros da universidade, conferindo movimento à história da cidade.

Consideramos a memória não como algo imutável e repetitivo, mas como uma possibilidade de reflexão sobre o passado através de sua representação no momento presente. Assim, a constituição de uma memória está intimamente relacionada com as transformações que o presente lhe confere na reelaboração do passado (Bittencourt, 2004, p. 105).

5 Ministério da Cultura. Política Nacional de Museus. *Memória e cidadania*, 2003.

Percebe-se que as novas configurações do MHMTT o transformaram em um espaço de inúmeras memórias. Elas unem memórias, histórias e tempos que já se foram, remontando um quebra-cabeça repleto de novos significados que ganham sentido no presente.

As mudanças prosseguem e, em 2013, os projetos iniciados no ano anterior firmaram propósito, pois o museu se abriu ainda mais para os pesquisadores. Isto representa um grande avanço e proporciona aos estudantes e futuros historiadores maior contato com as fontes documentais e imagéticas. Em suas investigações, os usuários contam com a ajuda dos funcionários, sob o olhar atento do supervisor. Muitas vezes, “acervos, não organizados para atender à pesquisa acadêmica, podem criar obstáculos de ordem burocrática para a consulta, exigindo autorizações prévias e outras formalidades, submetendo o pesquisador até mesmo a negativa de acesso” (Pinsky, 2005, p. 50).

Gradativamente, o MHMTT abre seu acervo às pesquisas; melhora sua imagem junto à sociedade pouso-alegrense e cria propostas que reforçam a ideia de um museu em movimento. Uma dessas novas iniciativas é a criação de um blogue, que vem sendo bastante divulgado pelo museu. “O *blog* do museu surge para divulgar a imagem do Museu Histórico além dos muros da Câmara Municipal de Pouso Alegre”.⁶ Podemos perceber pela entrevista realizada com o estagiário da instituição que o projeto deu resultado, pois o número de visitas aumenta dia a dia. O espaço virtual foi consolidado, embora o blogue reproduza os problemas do museu, ou seja, conta a história de forma linear, retrata o marco do dia – fatos importantes ocorridos no passado –, nomes de pessoas ilustres e destaca com muita ênfase a cronologia. Entendemos que a história é movimento e que o MHMTT deveria proceder à substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema e, da mesma forma, contemplar todas as atividades humanas e não apenas a história política (Burke, 1997, p. 11-12).

Mesmo com todas as mudanças realizadas, determinados traços conservadores não mudam do dia para noite. A nova história, com outras abordagens, ainda precisa conquistar seu espaço. Os funcionários da instituição estão no caminho certo, promovendo mudanças de horizontes e desenvolvendo projetos nunca antes pensados. Acreditamos que com o tempo o museu alcançará a reestruturação necessária.

Nas publicações, o problema se repete. Percebemos que as narrativas dos fatos ainda estão carregadas das mesmas datas e nomes ilustres, e que a história oficial e a cronologia dos acontecimentos ainda são traços marcantes na divulgação do museu. Apesar dos pontos negativos observados, é visível o esforço dos funcionários que caminham para a adequação às novas diretrizes dos espaços museológicos, procurando atender às recomendações do Ministério da Cultura: “4.3. Estímulo e apoio a projetos que visam a disponibilizar informações sobre acervos, pesquisas e programações dos museus em mídias eletrônicas”.⁷

6 Depoimento do estagiário Fernando Henrique do Vale realizado em 10 de janeiro de 2013, conforme autorização de uso em carta de cessão à pesquisadora Luana Tais Santos, em 10 de fevereiro de 2013.

7 Ministério da Cultura. Política Nacional de Museus. *Memória e cidadania*, 2003.

Além das publicações virtuais e impressas, o MHMTT produz documentários para televisão, intitulados *Espaço da memória*. Este projeto é realizado em parceria com a TV Câmara, e nele são retratadas memórias de diferentes espaços da cidade de Pouso Alegre. São usados nas pesquisas de estudantes e acadêmicos, e contribuem bastante para a divulgação do MHMTT. A edição de revistas e os documentários apresentam espaços como a praça Senador José Bento, a Catedral Metropolitana de Pouso Alegre, a Escola Profissional, o Conservatório Municipal de Música, o mercado municipal, a cadeia pública, o rio Mandu. Os programas de televisão ajudam a quebrar antigos paradigmas que enxergam o museu como um lugar que reúne coisas velhas, um lugar estagnado no tempo. “A memória não é para ser guardada, é para ser colocada pra fora”.⁸ A história é algo a que todas as pessoas têm direito: lembrar e reviver lembranças deixadas no passado. O espaço do MHMTT responde a esta finalidade: traz à tona fatos esquecidos, ajuda as pesquisas com seu acervo e leva a população a participar da vida social do município.

Embora o museu ainda precise se modernizar, o principal já está sendo feito: a garantia do direito de todos à memória, ao conhecimento da história tradicional e outras histórias, o acesso às recordações dos cidadãos que compõem o mosaico citadino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa, observamos as transformações ocorridas na cidade a partir do ano de 1965, momento em que é realizada a primeira exposição de objetos, documentos e fotos. Até então, tanto no Brasil como em Pouso Alegre, pouco se pensava em espaços para a guarda da memória social. A partir dos anos de 1970, a visão de museu se altera e ele passa a ser visto de uma maneira diferente. A instituição sofre uma ressignificação, e de “museu de alguém”, passa a ser “museu para alguém”.

Em Pouso Alegre, o olhar dos políticos e dos cidadãos volta-se para a constituição deste espaço que começa a ganhar forma devido às iniciativas de Alexandre Araújo, o primeiro a se preocupar com a constituição de um lugar dedicado à guarda da memória da cidade. A primeira experiência realizada foi uma pequena exposição feita em uma loja, chamada Casa Vitale, na avenida Doutor Lisboa, no coração da cidade. Com o tempo, ela se transformou em galeria, e logo depois no Museu Histórico Municipal Tuany Toledo. Essa primeira exposição apresentou um olhar bastante elitista. As pessoas que emprestaram seus objetos, documentos e fotos eram personagens ilustres da cidade que queriam aproveitar a ocasião para mostrar aos demais cidadãos pouso-alegrenses seu poder e prestígio. Esta primeira tentativa de se fazer um museu na cidade consagrou exclusivamente a cultura das elites e os grandes nomes que engrandeceram Pouso Alegre, e isso se perpetuou até a criação da primeira galeria.

Aos poucos, essa galeria se remodela e passa a levar em consideração a nova museologia surgida no país. Ela incorpora questões da vida cotidiana da população e o passado

8 Depoimento do estagiário Fernando Henrique do Vale realizado em 10 de janeiro de 2013, conforme autorização de uso em carta de cessão à pesquisadora Luana Tais Santos, em 10 de fevereiro de 2013.

dos agentes sociais simples encontra o direito à perpetuidade e visibilidade. A mudança de perspectiva ajuda a galeria a se tornar o Museu Histórico Municipal Tuany Toledo, que passa a receber objetos de toda a população pouso-alegrense. Assim como a história, o museu vive em constante movimento e passa a abrigar registros que reconstruem o passado e a evolução da comunidade, reafirmando seu direito à memória coletiva. Contribuindo para essa transformação, há que se observar o esforço dos funcionários do museu na direção das novas perspectivas museológicas.

A partir dos inúmeros projetos desenvolvidos com o passar dos anos, uma nova estrutura surge no Museu de Pouso Alegre: crianças, jovens, adultos e idosos passam a ser parte do local. Por meio das lembranças e do processo de hibridação de culturas e costumes percebe-se um *boom* da memória. O interesse pelo passado mostra aos pouso-alegrenses que, além do MHMTT ser um local para a preservação do patrimônio, deve, no presente, ser “experimentado e experienciado” (Anico, 2005, p. 76) por todos.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Antônio Célio Rios de. *Pouso Alegre pitoresca*. Pouso Alegre: Grafcenter, 2010.
- ANICO, Marta. A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, 2005.
- BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1997.
- FERRER, Suely; RICELLI, Mayke; VALLE, Fernando do. Histórias de Pouso Alegre. *Revista Museu Histórico Municipal Tuany Toledo*, Pouso Alegre, 2012.
- GONÇALVES, Telma Lasmar. *Apostila n. 1 de museologia*. Niterói: Centro Universitário Plínio Leite (Unipli), 2006.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Museus e Centros Culturais. Política Nacional de Museus. *Caderno de diretrizes*, 2007.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Revista Projeto História*, São Paulo, Educ, n. 10, p. 13-49, 1997.
- PRIMO, Judite Santos. Pensar contemporaneamente a museologia. *Caderno de Sociomuseologia*, v. 16, n. 16, p. 5-38, 1999.
- RIBEIRO, Agostinho. Novas estruturas, novos museus. *Caderno de Museologia*, v. 1, n. 1, p. 11-19, 1993.

Recebido em 10/7/2013
Aprovado em 20/8/2013